Título: Carta de um soldado desconhecido à sua viúva

Autor: António Miguel Marques Ferreira

Como se na fronteira dos dias a derradeira carta de amor ainda não tivesse sido rasgada perante o seu autor, exerço o meu direito ao golpe de misericórdia. Eu ainda não me esqueci que no teu país sem mapa as fronteiras estendem-se para além dos meus sonhos contidos, mas enquanto o fim do mundo não for decretado o nosso universo está em expansão.
Para conciliar os contrários contratei um alquimista notável que não pôs em causa a minha segunda juventude. Deposito nele grandes esperanças! Para justificar a tua cumplicidade fui obrigado a responder a todas as perguntas proibidas que os reis fazem aos seus generais quando batalha está dada como perdida. Demasiado volátil nesta estação dos corvos, o meu estatuto de exilado conferiu-me o direito a regressar ao sítio de onde nunca partimos, mas, precisamente porque nunca cheguei a uma conclusão sobre as leis da física que não nos retraem, faço-te o ultimato de moldares uma cruz no sítio fantasmagórico da minha geolocalizacão. Incandescente padeço de todos os males do mundo. Se já existe cura baixarei os braços perante a iminente forma da lua dos amantes que atrai as criaturas mais malignas do coração humano. Da última vez que nos tivemos a ceifa já tinha terminado e estávamos atentos à fértil fome de nós... Quando as sentinelas se distraíram a minha passagem pelo teu mundo não poderia ser incólume. Agora que uso o meu direito à redenção assumo a culpa por todos os teus crimes premeditados na minha ausência. Enfrentar o carrasco será apenas um ténue sinal de que nos julgamentos populares nunca deixei de usufruir do meu direito a declarar-me inocente. Para praticar o derradeiro fôlego, ainda com os sonhos em flor, invoco o conhecimento absoluto do código dos jardineiros que nunca arrancam pela raiz as plantas dos pés.
Humedeço-te os lábios para falarmos mais uma vez de Amor. Há um rio subterrâneo que corre dentro da montanha onde deste à luz. Ainda não nasceu um Salvador que na travessia do deserto não sentisse sede do seu próprio sangue. Acreditasse eu num deus absoluto e ao confessar-me desesperado no teu desencantamento, nos escombros da memória ainda saberia dizer-te que ser enterrado desarmado é pior do que viver preso numa armadura.
Dos souvenirs do nosso primeiro exilio guardo todos os monumentos que não cabem na história de um homem sem futuro. Todas as outras viúvas já reconheceram quem as deixou para trás... Lembras-te do campo de batalha emoldurado na sala de jantar do nosso palacete? Hoje regressaria a todas as guerras travadas em teu nome para naquela tapeçaria trocar o meu lugar à mesa com o porta estandarte. Concordo que não habito o espelho que envaidece a memória que me trai devagar. Necessito-te atenta aos pormenores que frequentemente passam despercebidos aos convidados que apenas vêm para nos perceber esfomeados.
Meu amor, não me ensinaram a morrer devagar e quando deixei de ter pressa em olhar para trás o teu ventre já tinha pronunciado o meu destino. Depois, ser insaciável comprometeu o meu apetite por destruição e a espada, como um gesto de desagrado, compreendeu que a alma só aceita o sangue quando o corpo já não tem nada a perder.
Ao devolver-te o meu nome de guerra não digas o meu original ao soldado desconhecido!

Das outras vezes que mereci honras militares ainda a minha guerra interior não tinha sido declarada.